



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixos Temáticos:

1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA
2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO:
SUAS MÚLTIPLAS FACES
3. PARTICIPAÇÃO: DIREITOS HUMANOS, POLÍTICA E CIDADANIA
4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA
5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA
6. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO
7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
8. MIGRAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL: DA AUSÊNCIA DE POLÍTICAS
ÀS REAIS NECESSIDADES DOS MIGRANTES
9. MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho 2012
Curitiba - Brasil

ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixo 2

“EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO: SUAS MÚLTIPLAS FACES”

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil

EIXO 2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO: SUAS MÚLTIPLAS FACES

MR2.1. Economia Solidária, Universidade e Comunidade

EMENTA

Contribuir para as discussões do Eixo: Políticas Públicas e Desenvolvimento Social. A Economia Solidária mais do que nunca se apresenta como uma alternativa de transformação social e de desenvolvimento econômico, local, regional e territorial. Visa a organização de pessoas para a geração de trabalho, renda e bem viver. Seu avanço depende, entre outros fatores, da construção e efetivação de políticas públicas e da participação crescente das universidades e comunidades. O debate e a troca de experiências propostas por esta mesa visa a integração latino-americana em torno destes objetivos comuns.

Coordenador: Alnary Nunes Rocha Filho – Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade de Ponta Grossa - (IESOL/UEPG - BRASIL)

Luiz Alexandre Cunha Gonçalves: Incubadora de Empreendimentos Sociais da Universidade de Ponta Grossa - (IESOL/UEPG - BRASIL)

Luiz Inácio Gaiger: Universidade do Vale dos Jesuítas do Rio Grande do Sul – (UNISINOS – BRASIL)

Daniel Maidana: Centro de Servicios a La Comunidad - Universidad Nacional de General Sarmiento – (UNGS - ARGENTINA)

Magdalena León T.: Fundación de Estudios, Acción y Participación Social – (FEDAEPS – ECUADOR)

RESUMOS APROVADOS

LIMITES E POSSIBILIDADES DAS INCUBADORAS POPULARES: o caso da Incubadora de Empreendimentos Solidários – IESol-UEPG. (autor(es/as): **ALNARY NUNES ROCHA FILHO**)

O PROGRAMA DE AQUISIÇÃO DE ALIMENTOS (PAA): Sua possível interface com a Economia Solidária e como uma Ferramenta para o Desenvolvimento Local no Pré Assentamento Emiliano Zapata, Ponta Grossa-PR (autore(s/as): **Carla Caroline Correia**)

Da Crítica para às Ideias e das ideias à prática: a experiência formativa do programa de honra em economia solidária, meio ambiente e desenvolvimento de base local da UFPR. (autor(es/as): **Christian Henríquez Zuñiga**)

Projeto Bem da Terra: Limites e Possibilidades (autor(es/as): **Cristine Krüger Garcias**)

APARTICIPAÇÃO DA UNIVERSIDADE ATRAVÉS DA EXTENSÃO EM PROJETOS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA: ESTUDO DE CASO DA UNICENTRO – IRATI – PARANÁ (autor(es/as): **Elmarilene Walk**)

O PROTAGONISMO DA REDE DE ECONOMIA SOLIDÁRIA DO VALE DO ITAJAÍ – RESVI (autor(es/as): **Fabricio Gustavo Gesser Cardoso**)

Incubadora Tecnológica de Cooperativa Popular como estratégia para emancipação humana e geração de trabalho e renda (autor(es/as): **Francisco Antonio Maciel Novaes**)

ASPECTOS DA SEGURANÇA NO TRABALHO E OS CUIDADOS PREVENTIVOS COM A SAÚDE NA FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES DA ASSOCIAÇÃO DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS “PIRAÍ LIMPO” (ASCAMP) (autor(es/as): **Jaqueline Sartori**)

A ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO FORTALECEDORA DO ENFRENTAMENTO AS CONDIÇÕES DE VULNERABILIDADE SOCIAL (autor(es/as): **Lorena Dantas Abrami**)

INCUBADORA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA: EXPERIÊNCIAS NA RELAÇÃO DA UNIVERSIDADE COM A SOCIEDADE (autor(es/as): **Nara Grivot Cabral**)

UMA INTEGRAÇÃO COMUNIDADE-UNIVERSIDADE NA PERSPECTIVA PARA A CRIAÇÃO E ELABORAÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA ENSINO E APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA (autor(es/as): **Renata Cristina Geromel Meneghetti**)

O NOVO NASCE DO VELHO: CULTURA E ECONOMIA SOLIDÁRIA (autor(es/a): **Sabrina Gabrielle Sawczyn**)

MR2.2. Educação Superior e Inclusão Social: experiências e percepções

EMENTA

Considerando o importante papel da educação na promoção e consolidação da cidadania, diversos setores sociais tem se dedicado à luta pela ampliação e democratização do acesso ao ensino superior. Ao mesmo tempo, no interior da Universidade intensificou-se o debate sobre alternativas para superar a alta seletividade social que o modelo de ensino superior adotado pelo estado pode produzir, bem como sobre mecanismos que possam ampliar o acesso e a permanência de estudantes oriundos de classes sociais de maior vulnerabilidade social. Por outro lado, alguns governos nacionais, frente à necessidade de dar respostas a estes movimentos, tem formulado e implantado políticas públicas com vistas a ampliar a oferta de vagas no ensino superior; a democratização do acesso, com adoção de mecanismos como cotas sociais e étnicas; e a permanência, com a criação de bolsas de estudo para estudantes com vulnerabilidade social. Desse modo, a mesa pretende ser um espaço para a comunidade discutir o tema da inclusão social no ensino superior, no âmbito da América Latina, com vistas a contribuir para o aperfeiçoamento de mecanismos que levem à superação e reversão do atual quadro de desigualdade, fragmentação e exclusão social.

Coordenador: João Alfredo Braidão – Universidade Federal da Fronteira Sul - (UFFS - BRASIL)

Jaime Giolo: Reitor da Universidade Federal da Fronteira Sul – (UFFS - BRASIL)

Aloizio Mercadante Oliva: Ministro da Educação do Brasil – (MEC – BRASIL)

Ingrid Severdlik: Universidade Pedagógica - (ARGENTINA)

Armando Alcántara Santuário: Universidad Nacional Autónoma de México – (UNAM - MÉXICO)

RESUMOS APROVADOS

Educação e mundo do trabalho em sociedades em transição (autor(es/as): **fernando Pedrão**)

Educação escolar para o desenvolvimento dos povos indígenas do Brasil: múltiplas faces (autor(es/as): **Francine Rocha**)

DOCÊNCIA INDÍGENA NO EXTREMO OESTE BRASILEIRO: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO EM ANDAMENTO (autor(es/as): **José Alessandro Cândido da Silva**)

LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: LIMITES E POSSIBILIDADES (autor(es/as): **Maria José da Silva**)

ACESSO E PERMANÊNCIA INDÍGENA NO ENSINO SUPERIOR, DO QUE ESTAMOS FALANDO? RELATOS DE ALGUMAS EXPERIÊNCIAS DE ACADÊMICOS INDÍGENAS (autor(es/as): **MARIANE DEL CARMEN DA COSTA DIAZ**)

NÚCLEO DE ESTUDOS FRONTEIRIÇOS DA UFPEL - EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E INCLUSÃO SOCIAL NA FRONTEIRA - BRASIL-URUGUAI (autor(es/as): **MAURÍCIO PINTO DA SILVA**)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

A Inclusão Laboral: Programa Promotor (autor(es/as): PRISCILA GADEALORENZ)

Expansão do ensino superior no Brasil – democratização do acesso e redução da iniquidade – Abordagem empírica utilizando dados do Censo da Educação superior e PNAD 2009 (autor(es/as): Rogerio Allon Duenhas)

O PROGRAMA DE EXTENSÃO UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE – UNATI NA UNIOESTE: INTEGRANDO SABERES E PROMOVENDO A CIDADANIA DO IDOSO (autor(es/as): ROSELI ODORIZZI).

2.4. Educação na América Latina

Considerando as mudanças ocorridas no campo político e econômico, no que se refere ao papel do Estado e sua função no campo das políticas sociais, a mesa propõe ser um espaço para difusão e discussão de política educacionais implementadas em diferentes países da América Latina. Os objetivos são facilitar a troca de experiências entre pesquisadores e instituições, refletir sobre os rumos da educação nos países da região, além de promover um processo de integração regional

RESUMOS APROVADOS:

LUDOSOFIA E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR (autor(es/as): **Alegria Baía Evelin Soria**)

CONVERGÊNCIAS DO PENSAMENTO PEDAGÓGICO LATINO-AMERICANO QUE APONTAM PARA A EDUCAÇÃO DA MULHER NOS MOVIMENTOS SOCIAIS DO CAMPO (autor(es/as): **Allene Carvalho Lage**)

O PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID) E O NÚCLEO DE ATIVIDADES PARA PROMOÇÃO DA CIDADANIA (NAP) CONTRIBUINDO PARA FORMAÇÃO DOCENTE NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS (UNIMONTES): UMA NOVA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO SUPERIOR (autor(es/as): **Carlos Alberto Malveira Diniz**)

CURSOS TÉCNICOS PROFISSIONALIZANTES DO COLÉGIO ESTADUAL SÃO MATEUS: CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO NO MUNICÍPIO DE SÃO MATEUS DO SUL-PR, NO PERÍODO 2004-2009 (autor(es/as): **Cláudia Regina Pacheco Portes**)

EDUCAÇÃO SUPERIOR NA ÁREA DE CIÊNCIAS SOCIAIS: ANÁLISE COMPARADA DA ESTRUTURA DOS CURSOS E EXPECTATIVAS DOS ESTUDANTES DA UFPR E DA UDELAR. (autor(es/as): **Ellen da Silva**)

A NECESSIDADE DA ATUAÇÃO DO ASSISTENTE SOCIAL NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL (autor(es/as): **FABRÍCIO CORDOVIL TEIXEIRA DE OLIVEIRA**)

CURRÍCULO POR COMPETÊNCIA E DISCURSOS HEGEMÔNICOS NOS DOCUMENTOS OFICIAIS SOBRE A GEOGRAFIA ESCOLAR (autor(es/as): **Felipe da Silva Machado**)

A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL FORMAL COMO ELEMENTO RECONHECEDOR DO PATRIMÔNIO CULTURAL (autor(es/as): **FLAVIA ALBERTINA PACHECO LEDUR**)

O DISCURSO FREIREANO E A POLÍTICA SOCIAL (autor(es/as): **GLEYDS SILVA DOMINGUES**)

A educação escolar indígena e a educação intercultural (autor(es/as): **Jasom de Oliveira**)

VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NAS ESCOLAS: UM ESTUDO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE BELÉM DO PARÁ (autor(es/as): **Juliana Cordeiro Modesto**)

Formando uma consciência integracionista (autor(es/as): **Karina Fernandes de Oliveira**)

SOMOS TIERRA: FORMACIÓN Y EXPERIENCIAS EN EL MOVIMIENTO CAMPESINO DE CÓRDOBA – ARGENTINA (autor(es/as): **Karina Scaramboni**)

A gestão escolar participativa e seus desafios (autor(es/as): **Maria Inês Vidal**)

A política da Educação do Campo e a Emancipação Humana (autor(es/as): **Maria Inês Vidal, Luis Alexandre Gonçalves Cunha**)

A FORMAÇÃO DOCENTE EM JOGO: O OLHAR SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DO PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFAC (autor(es/as): **Pierre André Garcia Pires**)

Percepção e apreciação de leituras em contextos escolares e culturais: formação em leitura em uma escola municipal de Foz do Iguaçu (autor(es/as): **Regina Coeli Machado e Silva**)

INVESTIGAÇÃO COMPARADA ACERCA DE REPRESENTAÇÕES DE AUTORIDADE POR JOVENS ARGENTINOS E BRASILEIROS (autor(es/as): **Rosane Castilho**)

CONVERGÊNCIAS E DESAFIOS DA EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINOAMERICANO EM UM MUNDO GLOBALIZADO: A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E SUAS MÚLTIPLAS FACES (autor(es/as): **Silvio Carlos dos Santos**).

ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL EM DIFERENTES ESPAÇOS EDUCATIVOS: CONTRIBUIÇÕES A SUSTENTABILIDADE DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL (autor(es/as): **Sorinéia Goede**).

EDUCAÇÃO POPULAR E MOVIMENTOS SOCIAIS RURAIS NO BRASIL: PERSPECTIVAS E CONTRIBUIÇÕES (autor(es/as): **Tarcio Leal Pereira**).

ELEMENTOS DE VIDEOGAMES COMO FERRAMENTAS DE APRENDIZADO (autor(es/as): **Thais Weiller**).

EDUCAÇÃO TRADICIONAL GUARANI & EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: APROXIMAÇÕES ENTRE VIVÊNCIAS CULTURAIS E CONCEITOS TEÓRICOS (autor(es/as): **Wanirley Pedroso Guelfi**).

O LUGAR DO CONHECIMENTO NAS DIRETRIZES CURRICULARES BRASILEIRAS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A RELAÇÃO COM A PRÁTICA (autor(es/as): **Camila Itikawa Gimenes**).

A APLICABILIDADE DA LEI 10.639/03 NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO PAULO (autor(es/as): **Adriana Márcia Prado de Araújo et alii**).

PIBID: UM PROGRAMA QUE FORTALECE O EIXO EDUCACIONAL PARA A RETOMADA DA LICENCIATURA NO ÂMBITO TERRITORIAL BRASILEIRO (autor(es/as): **Patrícia Santos Fonseca et alii**).

AValiação em larga escala: uma iniciativa da política educacional centralizadora (autor(es/as): **Rivanda dos Santos Nogueira et alii**).

NÃO ALFABETIZADOS LENDO: AS PARTES DO LIVRO NA EDUCAÇÃO QUE FOMENTA A LEITURA E GARIMPAM LEITORES. (autor(es/as): **Cláudio Renato Moraes da Silva**).

BULLYING: PERCEPÇÕES DOS EDUCADORES DO ENSINO FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DE ITAITUBA (autor(es/as): **Domiciane Araújo Azevedo**).

2.5. Trabalhadores(as) da Educação no Mercosul: impasses e desafios

RESUMOS APROVADOS

EMENTA

AAPP – Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná visa promover um diálogo entre dirigentes sindicais do Brasil, da Argentina, do Paraguai e do Uruguai, sobre a Educação Pública no Mercosul, ressaltando os desafios para os/as Trabalhadores/as em Educação. AAPP-Sindicato entende que esta é uma integração necessária e urgente, que vem unificar a discussão sobre as condições de trabalho e valorização dos/as trabalhadores/as em Educação e dar maior organicidade à luta dos movimentos sociais latino americanos, em prol de uma Educação pública de qualidade, laica e gratuita, para todos e todas.

Coordenadora: Fabiana Tomé e Walkiria Mazeto - Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná (APP - BRASIL)

Fátima Aparecida da Silva: Secretária Internacional da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação – (CNTE - BRASIL)

Arturo Musial: Secretario General de Union de Docentes de la Provincia de Misiones –(UDPM - ARGENTINA)

Gustavo Macedo: Federación Democrática de Maestros y Funcionarios de Educación Primaria - (URUGUAY)

Luis Alberto Riart Montaner: Ex Ministro da Educação do Paraguay e professor da Universidad Nacional de San Martín e Universidad Pedagógica de Buenos Aires – (UNSAM/UPBA - PARAGUAY)

O DESENVOLVIMENTO SOCIAL E PROFISSIONAL DOS FUNCIONÁRIOS DA EDUCAÇÃO NO NRE DE APUCARANA (autor(es/as): **Afife Maria dos Santos Mendes Fontanini**)

REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA, FLEXIBILIZAÇÃO E TRABALHO DOCENTE NO ESTADO DO PARANÁ (autor(es/as): **Mariana Betttega Braunert e Everson Araujo Nauroski**)

Mestres em greve? Gênero, representações e memórias das mobilizações de professoras/es de 1968 no Paraná. (autor(es/as): **Melissa Colbert Bello**)

2.6. Teorias Críticas na América Latina

A presente mesa redonda é resultado das pesquisas do Núcleo de Estudos Filosóficos - NEFIL, do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal do Paraná - PPGD/UFPR, voltado para os estudos latino-americanos dedicados à filosofia da América Latina e suas grandes tendências atuais no âmbito da crítica epistemológica, destacando-se alguns dos principais autores do debate contemporâneo no continente, notadamente Enrique Dussel, Anibal Quijano, Walter Mignolo, Atilio Borón e Franz Hinkelammert, até chegar a uma aproximação às propostas interculturais assentes no novo institucionalismo latino-americano.

Ludwig apresentará a relação entre teorias críticas do direito e a filosofia da libertação de Enrique Dussel; Pazello discorrerá sobre a relação entre as teorias críticas da colonialidade do poder e as teorias da dependência na América Latina, em especial a partir de Anibal Quijano; Bley abordará a relação entre colonialidade do saber e educação para os direitos humanos, conforme a crítica gnosiológica de Walter Mignolo; Franzoni estabelecerá os pressupostos epistemológicos da crítica à razão utópica de Franz Hinkelammert; Pereira analisará as teorias críticas latino-americanas sob o foco do marxismo de Atilio Borón.

RESUMOS APROVADOS

INDÚSTRIA CULTURA, TRABALHO DOCENTE E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE (autor(es/as): Everson Araujo Nauroski).

EDUCAÇÃO E MUNDO DO TRABALHO EM SOCIEDADES EM TRANSIÇÃO (autor(es/as): Fernando Pedrão)



O DISCURSO FREIREANO E A POLÍTICA SOCIAL

DOMINGUES, GLEYDS SILVA¹

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA - EST

gsdomingues@ig.com.br

RESUMO

A temática a ser discutida neste artigo volta-se para compreender e significar o discurso freireano frente à política social, a qual é constituída na diversidade e no confronto entre a ação da denúncia e do anúncio, o qual demarca o momento da travessia em busca da transformação e da emancipação dos sujeitos. Esta constatação permite dizer que, não há como pensar numa prática libertadora se a ênfase continuar sendo veiculada por uma educação bancária e excludente, que não confere autoria aos homens e às mulheres. O desafio que se apresenta é tentar encontrar as conexões entre o discurso e a prática social efetivada pela Missão Aliança, uma Organização Não Governamental, que fundamenta seu mover e ação no pensamento freireano. Sabe-se, porém, que o exercício teórico não é conclusivo, mas que aponta caminhos para uma ação transformadora que ganha espaço e razão no fazer de homens e mulheres comprometidas com a esperança de uma nova proposta de sociedade humana, justa e igualitária.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso – prática libertadora – transformação – emancipação.

¹ Doutoranda em Teologia, Mestre em Educação e Professora do Ensino Superior, Bolsista da CAPES.



INTRODUÇÃO

A passagem da consciência ingênua para crítica é a tônica do pensamento freireano. Isso porque, é um ato que envolve o desvelamento da realidade e, sobretudo, o reconhecimento da condição de ser-humano dotado de vontade, criatividade e autonomia para dizer sua palavra.

Para entender o pensamento freireano é preciso conhecer o contexto político, social e histórico, em que o mesmo foi gerado, visto que sua prática discursiva apresenta-se como uma bandeira de resistência contra as forças hegemônicas consolidadas no seio da sociedade.

Por essa razão, não há como pensar numa prática libertadora se a ênfase continuar sendo veiculada por uma educação bancária e excludente, que não confere autoria aos homens e às mulheres.

O desafio que se apresenta é tentar encontrar as conexões entre o pensamento freireano e a política social, embora se tenha consciência que alguns dos temas discutidos não se esgotam, antes se apresentam como passos em direção à resignificação e à re-criação.

Neste sentido, a proposta do artigo elege como objetivo tecer um paralelo entre o pensamento freireano e a política social veiculadas por organizações sociais não governamentais pertencentes à esfera de atuação da Missão Aliança, que neste caso em particular, atuam com projetos voltados para a educação infantil efetivada em creches e escolas.

A Missão Aliança no Brasil é uma instituição representativa da Norwegian Mission Alliance, desde 2004, que tem sua atuação nos países com um alto índice de pobreza e marginalidade, cujo fim é a emancipação, a valorização, a humanização e a dignificação dos sujeitos envolvidos no projeto.

A eleição da Missão Aliança como objeto deste artigo deve-se ao corpus teórico adotado: o discurso freireano, o qual é assumindo como pano de fundo das ações estratégicas e das práticas sociais desenvolvidas num contexto específico.

Busca-se não apenas a constatação de um discurso em prol das maiorias, mas o desejo de encontrar o elo que move as ações e as políticas sociais calcadas na intenção da transformação das vidas e das histórias de homens e mulheres, que se encontram excluídos de uma sociedade marcada por uma ideologia consumista perversa e doentia.



O antagonismo evidenciado entre denúncia e anúncio presente no pensamento freireano, podem ser vistos como resultado de um processo de travessia, que não é mágico, mecânico e nem mesmo automático, mas fruto de uma ação política e pedagógica.

Neste desvendar teórico e prático a ousadia se faz necessária, porém nem sempre as respostas são tão simples, convincentes e rápidas como se espera. Afinal, no campo das políticas sociais, a incerteza causa o estranhamento e pode, ainda, reforçar a diferença, principalmente quando esta se refere ao ser- humano, com toda a força que esta expressão carrega.

É necessário ressaltar que este é apenas o início de um diálogo a ser travado, por isso as análises realizadas não têm caráter conclusivo, antes se apresentam como uma possibilidade aberta para novas pesquisas e indagações frente à realidade investigada.

O discurso freireano e a política social da Missão Aliança no Brasil passam a ocupar o centro da discussão, a qual se espera que seja profícua e relevante para a abertura de novas reflexões sobre uma realidade tão desigual e massificante.

Assim, ao adentrar no âmbito do discurso freireano, a tentativa volta-se para apontar uma alternativa que faça crescer e ir ao encontro de uma esperança viva, que luta pela construção de uma nova sociedade mais justa, igualitária e humana.

Eis que surge o sentido do texto e da preocupação a ser perseguida no desenvolvimento da temática aqui apresentada.

O DISCURSO E A PRÁTICA SOCIAL

O discurso envolve uma combinação de representações simbólicas que são significadas no contexto social. Essas representações vêm carregadas de linguagens que no ato de dizer vão além dos seus significados imediatos.

Não se pode descartar do discurso sua intencionalidade, antes sua função tem natureza ideológica, pois quando se diz, o diz para alguém, em relação a algo, que se deseja e espera, ou não.

O discurso pode também exercer o papel de reforçar ou transformar outros discursos, o que o torna uma ferramenta de opressão ou libertação, dependendo do uso efetivado.





Para Fairclough (2008, p. 94), “o discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder”.

O discurso pode ser desprovido de palavras, mas mesmo assim, significa a vida, a realidade e as relações sociais, isso porque está presente nos atos do ser humano, ou seja, é uma criação humana com um propósito comunicativo.

O propósito comunicativo nem sempre é explicitado, às vezes se encontra subentendido e outras vezes ignorado, descartado ou até romantizado, isso depende da interação a ser estabelecida entre o sujeito da fala e o sujeito ouvinte de um discurso.

A prática discursiva aponta para os usos, as abordagens, as aplicações e os tratamentos dados ao ato comunicativo, que em grande parte são legitimados e repetidos sem que haja a compreensão sobre seus efeitos sobre a realidade.

O discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mas amplo e em todos os níveis: pela classe e por outras relações sociais em um nível societário; pelas relações específicas em instituições particulares, como o direito ou a educação, por sistemas de classificação, por várias normas e convenções, tanto de natureza discursiva como não discursiva”. (FAIRCLOUGH, 2008, p. 91)

Esta constatação permite fazer algumas ponderações sobre a prática discursiva: primeiro, há a necessidade de identificação do sujeito que fala; segundo, há a necessidade de desenvolver uma escuta atenta sobre o que se fala; terceiro, é preciso ler as entrelinhas sobre o que se fala; quarto é preciso identificar a presença e o grau de participação daquele que recebe a fala; quinto é de bom tom inscrever a fala num contexto histórico e sexto é fundamental traçar um paralelo entre sujeito- discurso – contexto – ouvinte.

Ainda em relação à escuta, o sentido dado no discurso freireano volta-se a estar aberto à fala do outro. Isso, porém, não tem caráter restritivo e nem diminutivo por parte de quem ouve, antes a postura defendida é de que “escutando bem que me preparo para melhor me colocar ou melhor me situar do ponto de vista das ideias” (FREIRE, 2004, p. 120).

Para Orlandi (1987, p. 55), “não são apenas as palavras e as construções, o estilo, o tom que significam. Há aí, um espaço social que significa. O lugar social do falante e do ouvinte, o lugar social da produção do texto [...], tudo isso significa”.

Não se pode distanciar o discurso da sua prática social, pois é nela que ele ganha corpo, sentido e legitimação ou não, isso porque um mesmo discurso pode ser assumido com diferentes interpretações pelos sujeitos, o que lhe dá o caráter da polissemia de sentido a ser atribuída.





A polissemia diz respeito à diversidade, a multiplicidade e a subjetividade de interpretações que podem ocorrer diante do discurso, o que aponta para a presença de vários olhares sobre um mesmo tema quanto a sua expressão, significação e materialização.

Isso indica que a utilização de uma mesma palavra discursiva pode assumir vários sentidos, pois sua significação é produzida, também, nas relações. O que pode determinar na assunção ou não de posicionamentos de cunho liberal ou progressista.

A prática discursiva requer uma postura de convencimento e não condicionamento do ser- humano. Convencer implica num ato político comprometido com uma bandeira social. Convencer envolve no discurso freireano a ideia da necessidade de conhecer juntos, ou seja, de crescer e compartilhar de um projeto inovador de sociedade. E é por isso apontado, sobretudo, como um ato pedagógico.

Freire (1986, p. 31-32), sobre o ato do convencimento a ser construído em sua proposta pedagógica expressa que: “quando tento convencer grupos em torno da necessidade de uma leitura mais crítica do real, o meu objetivo é engrossar as fileiras que politicamente pretendem [...] mudar a estrutura social”.

A prática discursiva freireana é participativa e incluyente, pois necessita do engajamento e do comprometimento dos sujeitos frente à realidade social para que a transformação de fato se concretize na vida de homens e mulheres. O que demanda trabalho de uma militância atenta aos sinais expressos na sociedade.

A militância não quer dizer e nem resultar em práticas subversivas, antes se evidencia como um posicionamento ideológico democrático frente às injustiças sociais que atuam como vozes que antes estavam silenciadas.

Isso porque, “o homem que vive mergulhado na cultura do silêncio pensa-se a si próprio como fazendo parte do mundo natural (em oposição ao mundo humano, da história e da cultura), e não como um transformador” (LIMA, 1981, p. 89).

Neste sentido, surge o diálogo como uma ferramenta de pensar o mundo em relação. O diálogo se apresenta como um dos caminhos para o exercício de uma prática social que humaniza e liberta o ser humano. O diálogo na visão freireana é um ato de amor que transforma.

O discurso freireano tem por base o diálogo, o qual humaniza, confronta, desestabiliza e provoca a reflexão sobre o sentido de ser da formação humana. Há um desejo de superação da condição da cultura do silêncio que provoca a desumanização e reforça as desigualdades sociais.





Dialogar não significa invadir, manipular, ou fazer slogans. Trata-se, isto sim de um devotamento permanente à causa da transformação da realidade. Nesse diálogo é o conteúdo da forma de ser que se mostra peculiarmente humano, excluído de todas as relações nas quais as pessoas são transformadas em seres para outro por pessoas que são falsos seres para si. O diálogo não pode se deixar aprisionar por qualquer relação de antagonismo. O diálogo é o encontro de amor de pessoas que, mediadas pelo mundo, proclamam esse mundo. Elas transformam o mundo e, ao transformá-lo, o humanizam para todos. (FREIRE apud LIMA, 1981, p. 65)

A prática discursiva freireana em que se centra o diálogo, parte de um propósito coletivo, a transformação social e como tal evoca o sentido da sua presença como uma ferramenta necessária para se pensar a realidade e as relações sociais. Afinal, não se faz diálogo solitariamente, mas sim solidariamente.

A ênfase recai na criticidade e na curiosidade a serem alimentadas no ato dialógico, uma vez que são ferramentas indispensáveis para a prática da reflexão-ação a ser corporificada nas tomadas de decisões manifestas pelos grupos sociais.

É no ato do encontro que os quefazeres dos homens e das mulheres se revelam, ou seja, são as suas intenções revestidas em ações em prol da manutenção ou da mudança das realidades sociais. Não é um ato simples e corriqueiro, antes envolve postura e comprometimento de cunho político e pedagógico.

A FORMAÇÃO HUMANA NO PENSAMENTO FREIREANO

A denúncia demarcada nos discursos freireanos é dirigida fortemente à concepção bancária de educação, que assume como postulado a mecanização, a robotização e a produção em série, no que concerne à formação humana. O resultado pode ser visto mais concretamente no processo de alienação do pensamento e do conhecimento sistematizado, veiculados institucionalmente pela escola.

Em contraposição à concepção bancária da educação, Freire defende que conhecer se revela numa ação criativa e desveladora da realidade, uma vez que é neste ato, em que ocorre a aproximação entre o sujeito que conhece e o objeto que se descobre ou que se quer revelar.

Conhecer, portanto, é um ato relacional que pode ser constituído no seio das práticas sociais, à medida que abre espaço para o diálogo a ser construído, e que se efetiva na diversidade.



O diálogo é a metodologia a ser trabalhada na concepção freireana, pois é com a sua prática, que as possibilidades são articuladas e o novo surge como síntese das vozes expressas. As vozes são consideradas como representações que identificam a cultura, a qual se materializa nos jeitos de ser dos diferentes grupos sociais, que dela compartilham e legitimam nos contratos firmados na esfera social.

“O diálogo tem significação precisamente porque os sujeitos dialógicos não apenas conservam sua identidade, mas a defendem e assim crescem um com o outro”. (FREIRE, 1997, p. 118)

A abertura dada pelo diálogo introduz o conceito de alteridade que assegura o direito de presença do outro, ou seja, no ato de dizer sua palavra, mesmo que a mesma não encontre acolhida no grupo social de pertença.

“O sujeito pensante não pode pensar sozinho. Não pode pensar acerca dos objetos sem a co-participação de outro sujeito. Não existe um eu penso, mas sim um nós pensamos” (FREIRE apud LIMA, 1981, p. 64).

O sentido a ser perseguido na teoria freireana tem na emancipação a força da sua voz, a qual não prescinde da reflexão e nem mesmo do ato educativo, que objetiva a busca pela transformação.

Ao deflagrar a educação bancária, Freire sinaliza para a hegemonia de uma classe que dita às regras e às finalidades a serem perseguidas e instituídas no contexto social, ao mesmo tempo, que, aponta para a existência de uma classe silenciada e destituída de poder e voz.

A tentativa freireana de resgatar a voz do oprimido se revela em seis momentos efetivados na prática social:

1º. Condição de ser humano e, nela há representações, linguagens, crenças e culturas a serem reconhecidas e ressignificadas;

2º. Potencialidade e riqueza na história de classe. Existe um sentido para sua existência e, é nela que se estabelece o desejo da resistência.

3º. Desejo de luta pela sobrevivência que se expressa na criatividade e na socialização de saberes da experiência.





4º. Constatação de uma realidade dura desprovida de bens materiais, mas que de uma forma paradoxal é impulsionada pela esperança.

5º. Conscientização que resulta na mobilização e no desejo da transformação social.

6º. Identificação da pessoa como sujeito crítico, criativo e conectivo, que em relação procura novas saídas para os problemas enfrentados.

É no ato de pensar e agir certos que o sujeito conquista sua autonomia, ao tornar-se consciente do seu ser e estar no mundo, que em constante relação com os outros procura o sentido da sua existência. É por isso mesmo que não se deve abrir mão da sua liberdade e da sua posição de sujeito autor de sua história, pois é neste momento que ocorre a sua emancipação.

Para Rodriguez (1981, p.76), “a aplicação psicossocial de Paulo Freire parte de um princípio básico: a busca do ser em seu aqui e agora; em sua circunstância; em sua experiência histórica”

Isso significa que a ação libertadora e emancipadora parte da noção de sujeitos concretos, que são situados historicamente e que por esta razão, buscam em suas realidades o encontro da identidade e do sentido de pertença.

É neste processo que as ações se concretizam, uma vez que partem da mobilização do próprio grupo social e, é nele que a materialidade das práticas a serem efetivadas, ganha corpo e legitimação.

Ao se trabalhar com o oprimido deve-se ter como ponto de partida a própria condição social em que ele se encontra, por isso que o processo de mediação a ser pensado, adota como objetivo propor em parceria diferentes formas de superação da condição marginal que se encontra.

“O desenvolvimento da consciência crítica implica necessariamente a ação transformadora; a consciência crítica complementa-se no ato crítico e criativo do sujeito que assume a responsabilidade histórica” (FREITAS, 2001, p.98).

Não se pensa pelo oprimido, mas com ele. É na reciprocidade e no estabelecimento do diálogo crítico que a mudança é iniciada em nome de uma ação progressista a ser concretizada na práxis.





Essa práxis requer comprometimento e co-participação na busca de uma identidade cultural e histórica de uma classe, no sentido de sua emancipação, que resulta na liberdade e na autonomia do pensamento da ação-reflexão.

“A reflexão só é válida quando nos faz voltar ao concreto, cujos fatos deve tentar clarificar, possibilitando assim que nossa ação sobre eles seja eficaz. Iluminando a ação realizada ou que se está realizando, a autêntica reflexão clarifica” (TORRES, 1981, p.70)

A práxis permite a abertura para o novo pensado na coletividade, e que se afirma nas relações sociais mantidas e significadas, à medida que estabelece um novo sentido para a vida. A vida ressignificada na história e na cultura produzida por homens e mulheres.

A MISSÃO ALIANÇA E PAULO FREIRE

A Missão Aliança surge no ano de 1901 e tem seu nascedouro na Noruega. Sua visão move-se pela finalidade de dar condições para que os pobres e marginalizados possam ter oportunidades de se tornarem responsáveis diretos por sua vida. Um conceito bem difundido pela educação brasileira, o qual é denominado autonomia.

A autonomia, então, é a capacidade do sujeito de gerir sua própria vida, sem, contudo, desprezar a presença do outro. É a ação de dizer sua palavra, mover-se no tempo e no espaço com liberdade e dignidade. É o sentimento de ser- humano que se concretiza nas relações e nas práticas sociais.

“A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas. [...] A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser” (FREIRE, 2004, p. 107).

Surge, na prática da autonomia outro conceito muito difundido no pensamento freireano, a alteridade, ou seja, a visão do outro que em relação constrói significados voltados para a convivência e participação na sociedade.



“A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a ‘outredade’ do ‘não eu’, ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu” (FREIRE, 2004, p. 41).

A alteridade confirma que homens e mulheres não estão sozinhos no mundo, antes fazem parte de um universo que necessita ser pensado numa ação coletiva e participante, que favorece ou não a transformação social.

Outro ponto a salientar é que a proposta estratégica da Missão Aliança é pensada a partir do contexto em que irá desenvolver suas ações. Isso sinaliza que não há um modelo fixo de projeto a ser executado, antes sua elaboração parte das necessidades sentidas, discutidas e experienciadas na realidade.

Esta peculiaridade aponta para a contextualização, também presente nos discursos freireanos e, que sem dúvida faz a diferença no ato de mobilização e conscientização dos sujeitos. Afinal, se o contexto é observado, ele diz da realidade, então o desejo de participação é ampliado.

A finalidade apresentada pela Missão Aliança é a transformação da sociedade, a partir do engajamento dos grupos locais nas ações de planejamento e implementação das atividades e projetos. Isso sinaliza que, os projetos não são feitos por outros alheios à comunidade local, antes sua proposta parte do próprio grupo residente da comunidade, que se organiza para pensar nas possibilidades e lacunas a serem trabalhadas em conjunto.

“A construção social da consciência realiza-se através do trabalho, que por sua vez, resulta da possibilidade de comunicar entre as consciências, ao ser realizado coletivamente e ao ser coletivamente significado” (BRANDÃO, 1985, p. 23).

O engajamento da comunidade e a reflexão sobre as problemáticas advindas da sua realidade são ações muito presentes na fala de Freire, principalmente porque há nela a força política e pedagógica que provoca mudança, a partir do entendimento de sua própria condição histórica, cultural e social.

“A conscientização não é propriamente o ponto de partida para o engajamento. A conscientização é mais um produto do engajamento. Eu não me conscientizo para lutar. Lutando, me conscientizo” (GADDOTTI, FREIRE, GUIMARÃES, 1986, p. 114).



Os momentos avaliativos trabalhados pela Missão Aliança têm como propósito repensar a prática e, ainda, provocar o confronto entre o pensado e o realizado, na tentativa de encontrar novas alternativas que assegurem de fato o objetivo traçado pela comunidade, em relação aos projetos implementados.

“É a prática conscientizadora que se apresenta como estimuladora do desejo, da necessidade. Não é uma motivação no sentido tradicional dessa palavra” (GADDOTTI, FREIRE, GUIMARÃES, 1986, p. 116).

A Missão Aliança assume as seguintes áreas de trabalho: necessidades especiais; saúde, educação; desenvolvimento comunitário; micro-finanças; água e desenvolvimento econômico e produtivo. Essas áreas apresentam alguns critérios para que haja adoção ou não de projetos.

Os critérios são estabelecidos com o objetivo de selecionar projetos que de fato sejam relevantes para sua comunidade, dentre eles se verifica o grau de pobreza e marginalidade social; a presença de uma base local que acompanhe a implantação e implementação do projeto; o *know how* da Missão Aliança na área apontada e, por último a capacidade de gerir recursos para a comunidade, a fim de que se torne auto-sustentável.

A Missão Aliança tem como *modus operandi* o ensino continuado, que prepara a comunidade para ser independente e autora da sua história. Por isso, o financiamento é feito dentro de um prazo. Neste prazo há uma parceria para a construção de um planejamento estratégico.

Os sujeitos da comunidade envolvidos nos projetos são chamados de facilitadores sociais, pois atuam na mediação das atividades e na mobilização das pessoas da comunidade, em prol da mudança social.

A facilitação social é um processo de acompanhamento de grupos que visam a aprendizagem, a fim de que sejam possíveis por si mesmos a busca pela transformação de sua realidade.

O papel do facilitador social é expresso no ato da escuta, pois é neste ato que acontece a sensibilização, a mobilização e a conscientização da comunidade, pois há um envolvimento com as lutas diárias, os seus sonhos e as próprias possibilidades apontadas a caminho da superação de uma condição marginalizada.



Os marcos que norteiam a proposta de ação da Missão podem ser assim definidos: conceituais, associados ao corpus teórico que fundamenta o fazer da Missão Aliança; estratégicos, voltados ao planejamento e eleição das ações a serem implantadas e implementadas e realidade são aqueles que descrevem o contexto de atuação, em que as ações ganharão espaço e lugar.

Estes marcos são considerados como os pilares dos processos sociais, os quais são perpassados pelas linhas integradoras do diálogo, da integração e da transformação, que devem ser observadas desde o ato da concepção até a concretização propriamente dita.

O desafio é fazer com que os facilitadores sociais compreendam o processo, a fim de evidenciá-lo na prática social a ser efetivada com vistas à mudança.

METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa tem como fundamento a metodologia qualitativa, que tenta não apenas descrever dados, mas interpretá-los à luz de uma prática referente. Essa prática, então, torna-se o ponto de partida para as análises, que não abrem mão da observação, da escuta atenta e dos discursos ditos e não ditos.

A possibilidade da abordagem qualitativa abre espaço para a combinação de outros métodos e dentre os possíveis, elege-se a análise do discurso, uma vez que o objeto de análise são os depoimentos apresentados por um grupo específico: os facilitadores sociais integrados aos projetos sociais mantidos.

Por essa razão, esta pesquisa teve como pano de fundo o Encontro de Intercâmbios dos Facilitadores Sociais, vinculados aos diferentes projetos da Missão Aliança, ocorrido no Município de Curitiba, o qual reuniu cerca de 40 participantes vindos de São Paulo, Joinville, Foz do Iguaçu, Porto Alegre e Curitiba.



A proposta dos Encontros fundamenta-se na reflexão sobre as práticas realizadas e como estas podem adquirir uma nova roupagem, diante das problemáticas levantadas no contexto de atuação, e que requerem uma medida alternativa para dar resposta à população atendida.

Os Encontros são estruturados e organizados pelos representantes regionais da Missão Aliança do Brasil e tem como foco oferecer subsídios teórico-metodológicos, que irão fundamentar as práticas sociais a serem implementadas nos diferentes projetos e temáticas abrangidas.

Neste trabalho escolheu-se como campo de pesquisa, o segmento de projetos sociais inseridos na educação informal e formal realizada por creches e escolas de educação infantil, visto serem elas a grande maioria, ofertando um atendimento efetivo e já aceito e consolidado pela comunidade.

A proposta do Encontro é pensada em forma de Oficinas de Trabalho, nelas abre-se espaço para a discussão, para o trabalho em equipe e para a socialização, as quais se realizam por meio da prática de sistematização oral ou escrita de ideias, experiências e inquietações geradas.

É na prática do diálogo que surgem novas alternativas para o trabalho a ser implementado. A ênfase dada é no exercício da escuta atenta e participativa. Afinal, todos aprendem com a experiência do outro.

Ainda no âmbito do Encontro, a avaliação é considerada como um dos pontos principais e é sempre esperada. A cada nova sessão de discussão ou compartilhamento é dado um espaço significativo para que os facilitadores possam se expressar sobre a temática discutida e desenvolvida. O ato de reflexão levanta inquietações, cumplicidade e busca por alternativas que deem conta da realidade problematizada.

Os representantes da Missão Aliança visitam periodicamente os projetos atendidos, e por isso há um evidente estreitamento entre a Instituição e as Mantidas. Este estreitamento não se restringe apenas apresentação de relatórios, mas à identificação com a proposta de trabalho defendida.

Vê-se, porém, que ainda há uma preocupação das Mantidas pelos resultados, o que às vezes as distanciam da prática a ser efetivada. Isso possibilita que este tema sempre volte às pautas dos Encontros promovidos pela Missão Aliança anualmente, no sentido de lembrá-las que a finalidade não é assistencial, mas transformadora.





Não se quer aqui apresentar um olhar romantizado da Missão Aliança, antes objetiva-se evidenciar que a proposta delineada segue o pensamento freireano, mas isso não significa que na prática tudo ocorra consoante a este pensamento. É o que foi constatado nas falas e nas rodas de diálogo observadas.

A discussão gira em torno das falas, e sobre elas tenta desvendar o seu sentido e significação, no contexto de trabalho em que as mesmas foram geradas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados a serem apresentados partiram das observações e dos registros realizados nas sessões de discussão e compartilhamento realizado no Encontro de Intercâmbios dos Facilitadores Sociais.

Para tal, os episódios selecionados foram aqueles que os facilitadores sociais expuseram em suas falas as experiências, as limitações e as angústias frente ao trabalho realizado e às problemáticas enfrentadas na realidade em que seus projetos são inscritos.

A descrição das falas dos facilitadores sociais é identificada por letras, afim de que sua identidade seja preservada e que a análise realizada pela pesquisadora não esteja vinculada ao sujeito, mas ao discurso apresentado.

Numa das falas, a “Facilitadora A” revela sua angústia frente à prática desenvolvida na Educação Infantil:

- Às vezes me sinto um peixe fora d'água. Percebo que eles têm uma vivência, por isso preciso ler, aprender e tentar agir como uma facilitadora. Tudo o que sei vem da educação que recebi da minha mãe e da rua. (sic)

Esta fala sensibiliza aqueles que escutam. Primeiro, porque aponta para a existência de uma limitação, que se torna uma lacuna, diante do enfrentamento necessário nas questões que ela vive no seu dia a dia, em segundo, observa-se a presença do desejo e da esperança que permite o crescimento e a aprendizagem. É o sentido de inclusão e de ser corpo inteiro que impulsiona e motiva o seguir em frente.



Noutra fala, a “Facilitadora B” apresenta a seguinte reflexão sobre sua prática ação:

- Estava muito escondida. Fazendo algo de multiplicação. Às vezes eu falo demais, e tenho que falar mais. Parece que eles não me ouvem. (sic)

A escuta atenta, ainda, não é um indicador de trabalho para esta facilitadora, visto que considera sua fala como um elemento fundamental para que haja adesão e compreensão sobre a proposta de trabalho a ser efetivada. O que é um equívoco no centro do discurso freireano.

Sobre esta fala, há uma reação em cadeia dos ouvintes, que colocam suas ideias e opiniões, apontando como alternativas de reflexão as seguintes proposições:

- É preciso se colocar no lugar do outro. A gente pensa que sempre tem as respostas para tudo, e se esquece de ouvir o outro. De se mostrar atento as suas necessidades e fragilidades. Afinal, é na proposta do diálogo que surgem novas ações, que a gente mesmo fica surpreso. A comunidade é criativa, a gente deve acreditar neles. (Facilitador C, sic)

- Eu acho que é preciso estudar mais, ler mais, concordo com a “Facilitadora A”. A gente sabe que se estiver bem fundamentado, as ideias vão surgindo com mais facilidade. É o que eu penso sobre isto. (Facilitadora J, sic)

- Será que a gente está fazendo o nosso trabalho? Será que as pessoas que atingimos também não estão se sentindo peixes fora d’água? (Facilitador D, sic)

- Às vezes ficamos olhando para aquilo que não temos, mas se deve mesmo é valorizar as pessoas e a vida. (Facilitador E, sic)

As falas apontam para a evidenciação de uma tentativa de dar respostas claras para a problemática levantada. Algumas, ainda, revelam que compartilham da mesma dúvida e do mesmo sentimento, em relação às atividades desenvolvidas.

Sobre as experiências, os facilitadores sociais falam de suas expectativas e do modo como ingressarem no Projeto Social, assim é que:

A “Facilitadora F” compartilha que:

- Minha experiência começou agora. Tenho aprendido e ouvido muito. Não é isto mais importante? São provocações profundas, que envolvem convicções pessoais. Nossa tendência é dar respostas sempre. (sic)



Na fala expressa, mais uma vez fica manifesto o posicionamento que deve ser mantido pelo(a) facilitador(a) social, ou seja, daquele que precisa aprender e ser provocado, a fim de que o ato da reflexão continue alimentar as práticas sociais realizadas.

O interessante a ser notado é que o sentimento gerado pela reflexão aponta para o lugar do(a) facilitador(a) social, que desperta sua consciência frente a sua condição de participante. Há um sentido de inclusão e de pertença comprometido e assumido.

“A conscientização levará a pessoa [...] à ideia de participação na transformação. [...] A conscientização desalienada é um processo delimitado e claro, porque extrai seu material da própria realidade que a pessoa vive” (TORRES, 1981, p. 159).

A “Facilitadora G”, afirma que:

- Eu sou parte, porque faço parte desta vivência. Eu estou parte. Eu fui descoberto lá dentro. Eu me vejo caminhando. Fazer o trabalho de formiguinha, a partir do que você já tem. Valorizar o humano. Tornar um entre eles e levar a esperança que acreditamos.

Em relação à avaliação do encontro as falas expressam pontos que merecem destaque, um deles reflete sobre a postura conflitiva ainda não superada.

A “Facilitadora H” diz que:

- Eu fico com as interrogações. Agora é hora de olhar. Este é o nosso enfrentar. Tenho que me aceitar e melhorar. (sic)

O “Facilitador I” ressalta que:

- Este Encontro me fez crescer. Aprendi que comunicar é tornar tudo comum. A busca pelo comum é que é o grande desafio. Será que estou pronto para isso?

Já o Facilitador M reflete sobre o momento vivido no encontro afirmando que:

- Este Encontro mudou minha maneira de enxergar a realidade. Tive que querer a mudança. Acho que começa assim. Primeiro tem que acontecer com a gente, para que a gente possa multiplicar a ideia.



A pesquisa qualitativa realizada a partir dos depoimentos dos participantes das organizações sociais (facilitadores sociais), permitem tecer algumas considerações: a política social precisa assegurar legitimidade às práticas realizadas; é preciso lutar por espaços de diálogo e participação social, que possibilitem a continuidade de estudos e pesquisas sobre a temática.

Dar voz à comunidade torna-se o primeiro passo em busca da emancipação social, uma vez que reassume seu lugar na história. É preciso, ainda, discutir abertamente os problemas entre as organizações, no sentido de favorecer o encontro de novas possibilidades.

A consciência crítica é o caminho fundamental para a transformação tão almejada e junto com ela é preciso resgatar o sentido de ser- humano dotado de vontade política e , desejo de superação da sua condição de oprimido.

Observa-se, ainda, que há um caminho a ser trilhado pelos facilitadores sociais, e que muito precisa ser feito para que as ideias freireanas sejam de fato incorporadas às práticas sociais desenvolvidas.

À GUIA DE CONCLUSÃO

O sentido do discurso freireano tem por finalidade levantar bandeiras contra a injustiça social, a qual exclui homens e mulheres de serem participantes ativos e criativos de uma sociedade que se deseja justa e igualitária.

O pensamento freireano aponta para a presença da contradição e do confronto que ao serem estabelecidos denunciam a condição de diferenças existentes entre aqueles que mandam e aqueles que obedecem. Evidencia-se, assim, o lugar ocupado pela cultura do silêncio estabelecido e que deve ser superado.

A cultura do silêncio é mantida por uma educação de natureza bancária que robotiza, paralisa, massifica e reforça as diferenças sociais, além de reproduzir um modelo de sociedade desigual e indiferente às lutas e reivindicações de uma classe oprimida, pelas forças de um poder ideológico e hegemônico.





Falar do pensamento freireano é acreditar na possibilidade da transformação, a partir da passagem de uma consciência ingênua para uma consciência crítica. A criticidade é a tônica do pensamento freireano, pois por seu intermédio a práxis é ressignificada pelo processo de reflexão em ação.

Há ainda que destacar o papel do diálogo como ferramenta de emancipação. O diálogo se mostra como um canal mediador entre os sujeitos e a realidade circundante. Isso porque, quando os sujeitos dialogam sobre a realidade, o que fazem é uma reflexão atenciosa e consciente sobre a vida.

A vida é a temática do pensamento freireano, pois o ato de transformação implica num novo modo de significar a realidade, e porque não dizer a vida em sua plenitude. A vida é refletida nas relações e nas interações estabelecidas entre homens e mulheres, cuja finalidade é o reconhecimento do sentido de ser- humano.

Não se pode descartar o valor da participação e do sentido de coletividade a ser exercido nas práticas sociais, isso porque no pensamento freireano não há espaço para a individuação, mas para a conjunção manifesta na presença da interação entre o “eu” e o “nós”.

A alteridade é outro fator de significação no discurso freireano, uma vez que é na comunhão entre os sujeitos históricos que a vida é representada por meio de linguagens e simbologias. Há uma aproximação dos discursos que são compartilhados e que visam à autonomia quanto ao sentido de ser- humano.

A autonomia é a garantia do vir a ser, é o exercício que se expressa na voz e na vez de homens e mulheres que compreendem seu papel e sua missão política e pedagógica no contexto em que estão imersos.

O posicionamento político e pedagógico torna-se o espaço do confronto, que provoca o desejo da mudança, o qual alerta sobre a desigualdade e a diferença social, à medida que aponta possibilidades reais e efetivas para a superação.

Ouvir o outro é abrir-se para posições diferentes, em que o respeito e a tolerância devem ser evidenciados nas posturas assumidas pelos sujeitos históricos. Cabe aqui, a curiosidade epistemológica que permite novas leituras sobre a vida.





A historicidade também deve ser destacada, isso porque, homens e mulheres em suas posturas, refletem o seu tempo histórico, ou seja, expressam em seus posicionamentos a influência dos contextos em que as suas visões foram formadas e legitimadas.

As relações sociais revelam o modo como os sujeitos encaram a vida, ou seja, seus sonhos, suas crenças, seus medos e suas angústias, isso porque as relações falam de homens e mulheres reais, com um rosto e uma identidade. Não se pode ficar alheio a esta presença.

É no ato comunicativo que homens e mulheres estabelecem os seus quefazeres. É na práxis que buscam não apenas a superação, mas a transformação de suas histórias.

O compromisso político pedagógico assumido pode ser manifesto na ação refletida sobre a realidade, como um passo essencial para a liberdade. A liberdade de pensar, de ser e agir na realidade.

O discurso freireano atua, ainda, como um alerta para a sociedade frente à impunidade e à diversidade. Não isola as classes sociais, antes a proposta é provocar o encontro, que no desencontro provoca a discriminação e a indiferença.

Romantizar o pensamento freireano é um ato ingênuo que descarta o nível de consciência crítica exigida para lutar em prol de uma classe oprimida e silenciada, mas que precisa acordar de um pesadelo que lhe foi imposto. O ato de acordar já evidencia a prática de uma militância que requer engajamento e mobilização para a mudança.

No pensamento freireano não se busca uma política de cunho assistencialista, antes a proposta é assegurar condições para que a classe silenciada possa recuperar a sua cidadania, à medida que se torna mais uma voz que luta pela conquista de seus direitos.

Ao eleger o pensamento freireano deve-se ter em mente a proposta de uma educação progressista que acredita no sujeito histórico e que mantém a esperança viva sobre uma realidade, em que homens e mulheres são valorizados, independente de sua condição social, pois o que de fato tem valor está na sua própria condição de ser-humano.





O pensamento freireano frutifica e faz a diferença, pois é o resgate do sentido da humanidade, frente à desumanização e à desesperança, que reforçam a diferença e a reprodução social e que descartam o valor da vida do ser- humano.

Assim, nasce a esperança da transformação, que se evidencia na práxis por uma palavra significada, e está é acreditar.





REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, C.R. (2006). **O que é educação popular?** São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1985). **A Educação como Cultura.** São Paulo: Brasiliense.
- FAIRCLOUGH, N. (2008). **Discurso e mudança social.** Brasília: UNB.
- FREIRE, P. (1993). **Pedagogia do Oprimido.** São Paulo: Paz e Terra.
- _____. (1997). **Pedagogia da Esperança.** São Paulo: Paz e Terra.
- _____. (1998). **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo: Paz e Terra.
- GADOTTI, M (org.). (1988) **Paulo Freire: poder, desejo e memórias da libertação.** Porto Alegre: Artes Médicas.
- GADOTTI, M.; FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. (1986). **Pedagogia: Diálogo e Conflito.** São Paulo: Cortez.
- LIMA, V. A de. (1981). **Comunicação e Cultura: as ideias de Paulo Freire.** Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- ORLANDI, E. P. (1987). **Linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso.** Campinas, SP: Pontes.
- RODRIGUEZ, J. G. (1981). Notas para a Aplicação do método psicossocial de educação de adultos de Paulo Freire. In: TORRES, C. A. **Leitura Crítica de Paulo Freire.** São Paulo: Loyola, p.76-111.
- ROMÃO, J. E. (2002). **Pedagogia Dialógica.** São Paulo: Cortez.
- TORRES, C.R. (1981). **Leitura Crítica de Paulo Freire.** São Paulo: Loyola.